

**MULHERES NOBRES, MACACOS IGNÓBEIS: NELSON RODRIGUES E XERAZADE**Adriano de Paula Rabelo<sup>\*</sup>

**RESUMO:** Um conto de Nelson Rodrigues e uma história narrada por Xerazade em *As Mil e Uma Noites* apresentam uma surpreendente afinidade temática e de atmosfera, embora os destinos das duas protagonistas sejam inversos após seus encontros com um grande macaco: uma delas parte da celebração do casamento e da renovação da vida para ser tragada pela morte, ao passo que a outra parte de um processo de destruição certa para ser resgatada para a vida. Em ambos os casos há uma obsessão por um animal monstruoso, símbolo do que há de mais primitivo por baixo de nossa frágil capa de civilização. Reatualizando a ideia psicanalítica da necessidade humana de renúncia ou ao menos de controle dos instintos como fundamento da civilização, as duas histórias apresentam muitos pontos de convergência, embora pertençam a épocas e universos culturais muito distintos. Partindo de uma leitura cerrada dos dois contos, este artigo analisa seus significados e as estratégias narrativas dos dois autores.

**Palavras-chave:** Nelson Rodrigues. *As Mil e Uma Noites*. Obsessões sexuais. Arquétipos.

**ABSTRACT:** A short story by Brazilian author Nelson Rodrigues and a tale told by Shahrazad in *One Thousand and One Nights* have a striking affinity in their subjects and atmosphere, despite of the reverse fate of the two protagonists after meeting an enormous ape. One of them departs from her wedding celebration and life renewing to being swallowed up by death, while the other one departs from a destruction process to being rescued back to life. In both cases, an obsession for a monstrous animal comes up. This animal is a symbol of the most primitive forces underneath our fragile and superficial layer of civilization. Both stories retake the psychoanalytic idea of human requirement to renouncing or at least controlling our instincts as a base for civilization and they have many convergences, in spite of belonging to very diverse epochs and cultures. Through a close reading approach, this article analyzes the two stories, their meanings, and the narrative strategies used by the two authors.

**Keywords:** Nelson Rodrigues. *One Thousand and One Nights*. Sexual obsessions. Archetypes.

## 1 Dois contos sério-cômicos

Um dos aspectos pelos quais Nelson Rodrigues é imediatamente reconhecido no imaginário brasileiro diz respeito a sua exploração de elementos grotescos, bizarros, anômalos nos vários gêneros literários aos quais se dedicou. Em geral a degenerescência exposta pelo escritor simboliza a putrefação de uma família, de uma classe ou de toda a sociedade. Tal deterioração emerge sempre da psicologia de personagens que, encontrando-se numa situação-limite, deixam aflorar desejos inconfessáveis, comportamentos extravagantes, repulsas a deformações corporais, maus cheiros ou maus hábitos. É comum que alguns desses personagens cheguem mesmo, numa reversão de expectativas, a manifestar certa volúpia em chafurdar na degradação. Se isso provoca um efeito

---

\* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, pós-doutorando em História pela mesma universidade. E-mail: aprabelo@hotmail.com

desagradável e tenso que prenuncia um desenlace trágico, a acumulação e, por fim, o excesso desses elementos fazem com que frequentemente o humor se imiscua no clima “pesado” das histórias do escritor.

Já as *Mil e Uma Noites*, caudalosa compilação de histórias populares originárias do Oriente Médio e do sul da Ásia, enfeixam contos maravilhosos, anedóticos, de intriga, de amor, de aventuras, de cavalaria, de temas históricos, detetivescos e fesceninos, bem como apólogos e fábulas. Em muitos momentos, as narrativas de Xerazade também exploram o grotesco físico e de caráter por meio de uma ampla variedade de personagens, em geral para efeito cômico ou no mínimo de estranhamento.

Seguindo a trilha do grotesco e seus efeitos, este trabalho propõe fazer uma leitura paralela entre o conto “O macaco”, de Nelson Rodrigues, e a “História de Wardan, o açougueiro, com a filha do vizir”, um dos contos de *As Mil e Uma Noites*. “O macaco” foi publicado nos anos 1950, na coluna do jornal *Última Hora* “A Vida Como Ela É...”, e mais tarde, em 1992, no livro *A Vida Como Ela É...: O Homem Fiel e Outros Contos*, edição da Companhia das Letras, com seleção e organização de Ruy Castro. Esta é a versão utilizada para este trabalho. Já a “História de Wardan...” está publicada no volume 4 da edição da Saraiva de *As Mil e Uma Noites*, lançada em 1961, com tradução de Nair Lacerda (partes em prosa) e Domingos Carvalho da Silva (partes em verso). Ambas as histórias expõem esdrúxulas paixões amorosas entre uma mulher e um macaco. É impressionante o fato de duas criações pertencentes a épocas e universos culturais tão distintos possuírem tantos pontos de convergência, os quais serão aqui analisados.

Na exposição dos enredos das duas narrativas, farei uma espécie de *close reading*, citando termos, expressões e falas mais significativas para uma compreensão detalhada dos acontecimentos. Juntamente com essa apresentação dos enredos, haverá uma interpretação dos textos num nível mais superficial. Uma interpretação mais aprofundada ocorrerá nas partes intituladas “Simbologia do macaco” e “O grotesco”.

## 2 “O macaco”, de Nelson Rodrigues

O conto de Nelson Rodrigues, tal como nas tragédias clássicas, concentra toda a ação em um só dia. Ou praticamente num dia apenas, pois a protagonista da história adoece depois de ver o novo gorila do zoológico do Rio de Janeiro, e no último parágrafo há somente uma brevíssima informação de que ela “morreu dois meses depois” (RODRIGUES,1992, p. 203). À parte isso, todos os acontecimentos se dão na véspera do casamento de Beata com Lisandro, com quem ela namorou durante dois anos.

Aparentemente nada no começo da história indica o rumo que a ação há de tomar do meio para o fim daquele dia. No ambiente doméstico, depois de uma semana muito agitada, Beata, ao encontrar seu pai, tem com ele uma conversa sobre suas bodas. Entre as intervenções do narrador e as falas dos personagens, o leitor é informado de que ambos estão exultantes. O pai, quando a encontrou, “esfregou as mãos, numa satisfação profunda” (RODRIGUES,1992, p. 199), antes de, emocionado, balbuciar uma bênção à moça, em prol de sua bem-aventurança matrimonial. Para além dessa propensão à emotividade, o conto nos informa ainda que ele se chama Dr. Laerte, é velho, sofre do coração e toma sempre o partido da filha em qualquer situação.

Beata, por sua vez, adolescente delicada de 17 anos, “nasceu em berço de ouro” e “pertencia a uma família esplêndida” em que “havia barões, baronesas e um ministro do Império” (RODRIGUES,1992, p. 199). Em sua conversa com o pai, ela “suspira, transfigurada”, “tem um novo suspiro”, fica “com lágrimas nos olhos” (RODRIGUES,1992, p. 199), tem arrepios. Verbaliza de forma recorrente e enfática a felicidade absoluta em que se encontra no momento em que está prestes a se casar: “Feliz demais!”, “Nunca pensei que se pudesse ser tão feliz!”, “quem sabe se tanta felicidade não é pecado?” (RODRIGUES,1992, pp. 199-200). No universo profundamente cristão da família que se nos apresenta, essa alusão a uma felicidade pecaminosa pode ser interpretada como um inconsciente presságio da derrocada de Beata, que se precipitará poucas horas depois.

Para dar um fechamento à perfeição inicial dessa ordem familiar, o narrador também apresenta o noivo ausente da cena que abre o conto. Conforme sua descrição, Lisandro “também era rico (ou de família rica), fisicamente bonito e moralmente bem formado”, possuindo ainda “o destino do diplomata” (RODRIGUES,1992, p. 199). Essas construções românticas de Beata e Lisandro encontrarão seu epítome quando eles forem considerados em sua relação, uma vez que

“não se podia imaginar um casal mais perfeito (...), entre os dois, só existiam afinidades, seja de dinheiro, seja de posição, seja de virtudes pessoais” (RODRIGUES,1992, p. 199).

Como se vê, na descrição da véspera do grande acontecimento, bem como na composição dos personagens, o narrador realiza um acúmulo de ventura e virtude a fim de colocar a protagonista, seu noivo e seus familiares numa posição elevada e numa condição ditosa que haverão de perder de maneira irremediável, intensificando o efeito trágico da narrativa. Os próprios nomes dos três personagens introduzidos até aqui ajudam a compor essa atmosfera. “Beata” remete obviamente à beatitude na qual a protagonista já se encontra, assim como àquela que o casamento perfeito a ser concretizado no dia seguinte lhe promete. “Lisandro”, nome de um célebre comandante militar de Esparta no século IV a.C., significa “aquele que liberta ou que protege a humanidade”. Nada mal para um marido numa sociedade fortemente patriarcal. “Laerte” também vem do grego e quer dizer “levantador de pedras”. Também nada mal para um pai que ajuda abrir os caminhos de seus filhos e é um esteio familiar.

Essa harmonia começa a ser quebrada depois do almoço, quando Beata, cansadíssima devido à azáfama dos dias anteriores, recebe a visita de sua amiga Geni. Esta personagem, que funciona como uma emissária do mundo exterior, da desordem das ruas, chega animada e sedutora, informando que ficará pouco tempo, pois está a caminho do jardim zoológico do Rio de Janeiro, onde acaba de chegar uma grande atração: o novo gorila. Para que Beata se distraia um pouco de suas canseiras pré-nupciais, Geni convida-a para acompanhá-la, prometendo levá-la e trazê-la de volta em seu automóvel. Embora relutante, a noiva aceita o convite a instâncias da mãe e das irmãs. Parte, então, fazendo uma recomendação banal para sua família, que no final revelará a ironia típica de Nelson Rodrigues: “Se Lisandro telefonar, avisa que eu não demoro. Volto já!” (RODRIGUES,1992, p. 200).

Ainda no que tange aos nomes dos personagens, se aqueles pertencentes ao *domus* chefiado pelo Dr. Laerte ou que a ele estão prestes a se associar possuem nomes que remetem a sua posição social, sua fortuna e suas virtudes, a figura que chega de fora e parte com Beata possui um nome comum entre as classes mais populares no Brasil. Geni é um derivado e um diminutivo “Joana”, nome originário do latim, significando algo como “agraciada por Deus” ou “Deus perdoa”. Esse significado se revelará um tanto irônico, já que Geni, com seu automóvel, exercerá um papel semelhante ao de Caronte, o barqueiro do Hades na mitologia grega, conduzindo Beata para o

mundo dos mortos ao colocá-la em contato com algo que fará vir à tona todo um caos interior que a destruirá.

O centro de interesse do conto, o momento em que Beata se vê diante da jaula do macaco, acontecimento que desencadeará a tragédia, é apresentado de forma muito breve mas muito densa num único parágrafo. Entre o trajeto das duas amigas até o zoológico e o momento em que decidem retornar para casa, as falas das personagens e as intervenções do narrador compõem um perfil da besta selvagem que motivou aquela visita. Conforme essas impressões, o gorila é “uma coisa tremenda”, o “King Kong escrito”, “algo gigantesco e inenarrável”, “feio demais”, “horrível” (RODRIGUES,1992, p. 200-201). A visão dessa criatura provoca forte impacto emocional nas duas moças, que ficam “boquiabertas”. Beata “imobilizou-se, como que magnetizada (...), assombrada”. Geni fica “crispada” e parece experimentar “um sentimento de terror profundo”. Por fim, “tem um riso que é o disfarce histérico de sua angústia” (RODRIGUES,1992, p. 200-201).

Contudo, para além da aparência do animal, um fato haverá de causar uma sensação mais profunda e mais duradoura em Beata, algo que será percebido por Geni, que comenta com ela: “Está te olhando! Gostou de ti!” (RODRIGUES,1992, p. 201). Numa reação instintiva, ao ouvir isso a amiga “trinca os dentes” antes de esconjurar com um “Isola!” (RODRIGUES,1992, p. 201).

A volta para casa se apresenta, para Beata, como verdadeira transição para o inferno. Sente-se nervosa, fala em tom de lamento ou rancor, arrepia-se, tem febre. Geni, por sua vez, já está restabelecida do impacto da experiência que tiveram. Mostra-se leviana, frívola, imprudente ao volante. É com frivolidade que ela faz um comentário que toca no âmago da desestabilização da ordem inicial e é a chave do conto: “Há macacos que se apaixonam por mulheres! E mulheres que se apaixonam por macacos.” (RODRIGUES,1992, p. 201).

Ao entrar em casa, Beata não apresenta mais os sinais de felicidade que exibia pela manhã. Tão grande é sua angústia que, antes da chegada de Lisandro, ela chama o pai para uma conversa particular, anunciando-lhe que não deseja mais se casar. Falando com a sobriedade de quem tem segurança do que deseja, busca suporte na figura de autoridade da casa, acabando por conseguir seu intento, pois Dr. Laerte “punha aquela menina acima de tudo e de todos” (RODRIGUES,1992, p. 202). No entanto, o pai quer saber o motivo de tão súbita mudança, já que “ninguém toma uma decisão dessa natureza sem uma razão muito forte” (RODRIGUES,1992, p. 202). Após insistir nesse ponto, acaba por ouvir a confissão de que a filha gosta de outro. Diante disso, o velho resolve apoiar a não realização do casamento, o que provoca tremendo desarranjo na família. A mãe sente

palpitações, uma tia é incumbida de distribuir os doces com os vizinhos, o noivo fica “alucinado” e é corrido da casa com um irrevogável “Passe bem” (RODRIGUES,1992, p. 202).

Digno de nota é a “incompreensão obtusa e dolorosa” (RODRIGUES,1992, p. 202) das pessoas da família acerca do que se passava. Dr. Laerte chega a fazer uma tentativa fracassada de obter ao menos o nome daquele por quem Beata desistiu de um casamento perfeito. Ela se recusa enfaticamente a dizê-lo, o que faz o pai concluir que deve se tratar de um homem casado.

Por fim, no dia seguinte, quando o casamento deveria se realizar, a moça amanhece doente, anunciando a certeza de que vai morrer. Sua agonia dura dois meses, sem que médico nenhum pudesse curá-la nem sequer nomear o mal de que estava acometida. Nesse período lhe perguntaram muitas vezes pela identidade do homem que amava. Apenas uma vez, num delírio, ela chegou a dizer que não se tratava de um homem. Até que morreu, e as pessoas que preparavam seu cadáver para o enterro encontraram significativamente “entre os seios da morta, o retrato de um gorila monstruoso recortado de um jornal” (RODRIGUES,1992, p. 203). Em outra ironia típica de Nelson Rodrigues, o conto finaliza com o narrador informando que “ninguém deu a menor importância à fotografia” (RODRIGUES,1992, p. 203).

### **3 “História de Wardan, o açougueiro, com a filha do vizir”, de *As Mil e Uma Noites***

Grande parte da ação deste conto também se concentra na duração de um único dia, havendo, no final, simplesmente a indicação de que o problema que a gerou foi resolvido pouco tempo depois. Também chama a atenção uma espécie de narrativa dentro da narrativa, uma vez que, perto da metade do texto, Xerazade dá a palavra ao protagonista, que passa a contar, ele mesmo, o que aconteceu naquele dia e nos dias restantes.

A história se passa na cidade do Cairo, onde o açougueiro Wardan estava intrigado com uma belíssima adolescente que, fazia já bastante tempo, ia todos os dias a seu estabelecimento acompanhada por um carregador, comprando grande quantidade dos melhores cortes de carne de carneiro e visitando em seguida outras lojas do *suk* para comprar alimentos da melhor qualidade. A narradora informa que a moça tinha sempre “olhos bem fatigados e a pele muito pálida” (ANÔNIMO, 1961, p. 1171). Já não se contendo mais de curiosidade, Wardan decide esclarecer o assunto. Para isso, numa ocasião em que vê o carregador passar sozinho em frente a seu açougue,

dá-lhe gratuitamente uma ótima cabeça de carneiro, perguntando-lhe em seguida quem é sua patroa, por que todos os dias faz uma grande aquisição de comida e principalmente por que apresenta aquela aparência de cansaço. Para sua perplexidade, o carregador lhe conta que também não sabe as respostas a essas perguntas, pois, depois de sair do *suk* e ainda comprar sempre uma garrafa de um vinho excelente, ele a acompanha até os jardins do palácio do grão-vizir, de quem ela é filha única. No jardim o carregador tem os olhos vendados antes de descer por uma longa escada com as compras do dia, descarregando tudo num aposento subterrâneo desconhecido, recebendo seu pagamento e retornando aos jardins de olhos cobertos. Lá ele se despede da moça até reencontrá-la no dia seguinte, a fim de realizar a mesma tarefa.

O relato do carregador só faz aguçar a perplexidade de Wardan, que resolve esclarecer os fatos “custe o que custar” (ANÔNIMO, 1961, p. 1172). Já no dia seguinte, depois de a adolescente fazer sua habitual série de compras, o açougueiro deixa seu estabelecimento aos cuidados de um ajudante e se põe a segui-la de longe, sem ser percebido. À entrada dos jardins do palácio do grão-vizir, ele confirma a veracidade do que o carregador lhe contara, pois este tem realmente os olhos encobertos e é conduzido pelas escadas a algum lugar no subsolo, retornando algum tempo depois, quando a moça retira-lhe a venda e o despede. Assim que ele desaparece, ela retorna ao subolo, passando pela mesma entrada no jardim do palácio. Desta vez, porém, é seguida por Wardan. Após ambos passarem por uma abertura obstruída por um bloco de pedra que se abria a um determinado comando e caminharem num ambiente escuro, ocorre a grande revelação, contada pelo açougueiro nos seguintes termos:

Cheguei a uma porta, atrás da qual ouvi risos e ronquidos. Apliquei, então, os olhos na brecha atrás da qual a luz se filtrava, e vi, enlaçados num divã, em meio a várias contorções e movimentos, a adolescente e um enorme macaco, que tinha, realmente, uma cara quase humana. Ao fim de alguns instantes, a adolescente se desvencilhou, levantou-se, desfez-se de suas roupas, para deitar-se de novo no divã, mas inteiramente nua. Imediatamente o macaco atirou-se sobre ela e cobriu-a, tomando-a nos braços. E quando terminou, levantou-se, repousou um instante, tornou a possuí-la, cobrindo-a. Levantou-se em seguida, tornou a repousar, mas para de novo atirar-se sobre ela e possuí-la, e assim por diante, dez vezes da mesma maneira, enquanto ela, de seu lado, dava-lhe tudo quanto a mulher dá ao homem de mais fino e delicado. Depois do que, ambos caíram desacordados, aniquilados. E não mais se moveram. (ANÔNIMO, 1961, p. 1173)

Esse insólito esclarecimento do mistério, em todo o seu grotesco, é complementado pela ação de Wardan, que, com sua afiadíssima faca de açougueiro, adentra naquele ambiente e mata o animal, decepando-lhe a cabeça. A narração de seu ato e da agonia do macaco é feita de forma

crua, com ênfase nas convulsões e na plethora de sangue derramado. Então a moça acorda, dando início a um diálogo cômico em seu completo absurdo:

Então disse-me: “É assim, ó Wardan, que trata uma freguesa fiel?” Eu lhe disse: “Ó inimiga de ti mesma! Não há mais homens válidos, pois, para que tu precisas recorrer a semelhantes expedientes?” Ela me respondeu: “Ó Wardan, ouve, antes de mais nada, a causa de tudo isso e talvez me possas desculpar.” (ANÔNIMO, 1961, p. 1174)

Num acúmulo de revelações cada vez mais espantosas, ficamos sabendo que a filha única do grão-vizir fora desvirginada, quando tinha 15 anos, por um negro do palácio. Desde então se convertera numa irrefreável ninfomaníaca, pois, conforme sua opinião, “não há nada como um negro para inflamar nossas entranhas” (ANÔNIMO, 1961, p. 1174). De modo que seu furor sexual se tornou tão desmedido que ela necessitava do intercuro do negro o tempo todo, o que acabou por exauri-lo e matá-lo. Desconsolada, compartilhou sua angústia com uma velha do palácio, com quem convivia desde a infância, e foi esta senhora quem encontrou a solução para o problema: o macaco, pois “nada é mais fecundo em assaltos do que o macaco” (ANÔNIMO, 1961, p. 1174). Assim, quando um exibidor de símios passou diante do palácio, a moça se pôs à janela e ficou olhando para o maior de seus animais. Este por algum tempo retribuiu-lhe o olhar, antes de rebentar a corrente que o prendia, fugir pelas ruas e ir ter ao palácio, no quarto da adolescente. Ela narra o que então aconteceu nos seguintes termos: “me tomou no mesmo instante em seus braços e fez o que fez, dez vezes seguidas, sem pausa nem repouso” (ANÔNIMO, 1961, p. 1174).

Ao tomar conhecimento das relações da filha com o macaco, o grão-vizir quase a matou. Porém, sem poder mais passar sem o animal, ela mandou cavar secretamente os aposentos subterrâneos, onde o encerrou e onde foi feliz até o momento em que Wardan o matou. Já prevendo sua desgraça, ela se queixa com o açougueiro, que a consola da seguinte forma: “Podes estar certa, ó minha senhora, que posso, com muita vantagem, substituir o animal junto de ti. Experimentado, saberás que digo a verdade, pois sou famoso como cavalgador” (ANÔNIMO, 1961, p. 1175). E possuiu-a ali mesmo, mostrando que sua capacidade era superior à do negro e mesmo à do macaco. No entanto, ao fim de algumas semanas, Wardan percebeu que também iria sucumbir e morrer, pois o furor da moça era algo sobre-humano e só fazia aumentar. Era necessário fazer algo para aplacá-lo.

Conhecendo uma anciã que era “incomparável na arte de preparar filtros e arranjar remédios para as moléstias mais tenazes”, Wardan conta-lhe seu drama e pede-lhe que faça “um preparado

capaz de extinguir os desejos daquela mulher e acalmar seu temperamento” (ANÔNIMO, 1961, p. 1175). Ao que velha responde com um surpreendente: “Nada mais fácil!” (ANÔNIMO, 1961, p. 1175). Após preparar a poção, ela vai com o açougueiro até o subterrâneo do palácio do vizir. Antes, porém, de aplicar o tratamento, Wardan deve possuir sua parceira, o que ele faz de forma tão energética que ela perde os sentidos. É este o momento de a anciã entrar na sala e fazer fumigações entre as pernas da ninfomaníaca.

Ainda que os acontecimentos narrados até este momento sejam estarrecedores, eles nada são diante do que acontece como resultado das fumigações da velha: do interior da adolescente saem nada menos que duas enguias se contorcendo, uma amarela e outra preta! Então, com uma expressão de júbilo, a velha esclarece o significado daquilo:

Meu filho, dá graças a Alá! O efeito do remédio aí está! Sabe que essas duas enguias eram a causa da insatisfação de que te queixaste. Uma das enguias nasceu das fornicações do negro, e a outra das fornicações do macaco. Agora, que elas saíram, a adolescente vai gozar de um temperamento moderado, e não se mostrará mais fatigante e desordenada em seus desejos. (ANÔNIMO, 1961, p. 1176)

Já ao acordar, a moça não pede mais que Wardan a satisfaça, e suas necessidades se tornam “normais”. Assim, o açougueiro pode pedi-la em casamento e partilhar com ela, ao longo dos anos, uma vida feliz e satisfatória, pelo que ele agradece todos os dias à velha e a Alá.

#### **4 A simbologia do macaco**

No centro de cada uma dessas histórias está a figura de um macaco que é amado por uma moça que reúne as características de alguém que pertence à nata da sociedade. Uma delas pertence a uma das famílias mais ilustres do Brasil, possuindo ascendência em membros da nobreza do império brasileiro. A outra ainda preserva em si mesma o prestígio da nobreza, pois é filha do grão-vizir do Cairo. Além de se posicionarem no topo da escala social, ambas as moças são muito bonitas e bem-educadas. Essas características de elevação e perfeição geram um contraste muito forte entre elas e os macacos pelos quais se apaixonam após trocarem com eles demorados olhares.

Dignas de nota são as idades (ou a idade) das personagens. O narrador de Nelson Rodrigues diz claramente que Beata tem 17 anos. Ao começar a narrativa sobre seu destempero sexual, a protagonista do conto das *Mil e Uma Noites* afirma que seus excessos começaram aos 15 anos, ao ser desvirginada por um negro. Embora o conto não explicita que idade ela tem no presente da ação, é bastante provável que ela tenha 16 ou 17 anos, se se fizer uma estimativa sobre o tempo de duração de suas aventuras com o negro e com o macaco. Portanto, ambas estão no fim da adolescência e às vésperas da idade adulta, quando se tornarão independentes e farão suas próprias escolhas, inclusive as sexuais. Se é que já não as fazem.

Se, como se viu, os nomes dos personagens do conto brasileiro são tão importantes, o animal, nas duas histórias, não possui nome próprio, o que também enfatiza o enorme contraste entre ele e a adolescente, nas duas histórias, já que esta não somente possui um nome significativo mas também ilustre. Não possuindo um nome, o macaco claramente não constitui uma individualidade. É antes um arquétipo, uma imagem simbólica do inconsciente coletivo.

No conto de Nelson Rodrigues, sabe-se claramente que o macaco em questão é um gorila, o maior dos grandes primatas; no das *Mil e Uma Noites*, sabe-se apenas que o animal era “o maior entre eles” (ANÔNIMO, 1961, p. 1174), o que faz supor que também se trata de um gorila.

Se nas duas histórias, como se notou, o macaco é um arquétipo, qual é a simbologia em torno desse animal? O que ele representa tanto no universo cristão, em que se desenvolve a primeira narrativa, como no islâmico, em que se desenvolve a segunda?

Sobre isso, eis o que diz o *Watkins Dictionary of Symbols*, Jack Tresidder (2008, p. 25, tradução minha):

Animal cujo simbolismo é bastante diversificado, sendo muito positivo no Egito antigo, na África, na Índia e na China, mas muito negativo na tradição cristã, em que ele está relacionado ao vício, à luxúria, à idolatria e a heresias demoníacas. As habilidades imitativas do macaco foram amplamente utilizadas para satirizar a vaidade humana e outras loucuras. Na arte ocidental, ele costuma aparecer com uma maçã na boca como símbolo da perda do paraíso, e mais tarde, de modo mais brando, como análogo da natureza imitativa dos artistas. Na iconografia egípcia, o babuíno simboliza a sabedoria. O macaco indiano ou deus-macaco Hanuman representa a coragem, a força e o autossacrifício.

Por sua vez, o *Dictionary of Symbols*, de J. E. Cirlot (2001, p. 212, tradução minha), complementa essa interpretação:

Os símios geralmente simbolizam as forças mais básicas, a escuridão ou a atividade inconsciente, mas este simbolismo – como o dos fabulosos seres lendários – é ambivalente. Se, por um lado, esta força inconsciente pode ser perigosa, uma vez que pode degradar o indivíduo, por outro pode ser também benéfica – como todas as forças inconscientes – quando menos se espera. Por isso, na China, associa-se ao macaco o poder de proporcionar boa saúde, sucesso e proteção, de maneira que ele está relacionado a espíritos, feiticeiros e fadas.

Na tradição cristã, portanto, o macaco remete à degradação do homem nos vícios, tanto que o Diabo costuma ser referido também como *simia Dei*. Sendo assim, este animal é muito recorrente nas pinturas do Renascimento, em que aparece como símbolo da luxúria, da estupidez, da irracionalidade e da banalidade. O pintor flamengo Pieter Bruegel, o Velho, por exemplo, foi um dos que mais utilizaram essa simbologia. Tanto que, numa de suas obras mais famosas, de 1562, ele retrata dois macacos numa espécie de janela através da qual se tem uma vista do mar. Diante da amplidão marinha, que pode ser interpretada como uma alegoria da própria amplidão da vida, os animais estão atados por correntes a uma argola como a representar a prisão de algumas pessoas a um estilo de vida pecaminoso e estúpido.

Quanto ao macaco na simbologia islâmica, no *Alcorão* seu simbolismo, juntamente com o do porco, é utilizado muitas vezes em sentido muito negativo, em geral para se referir aos chamados “infiéis” ou aos que cometem toda sorte de pecado. Por exemplo, no versículo 65 de “Al Bâcara” (A vaca), segunda parte do livro, está escrito o seguinte: “Já sabeis o que ocorreu àqueles, dentre vós, que profanaram o sábado; a esses dissemos: ‘Sedes símios desprezíveis!’” No versículo 60 de “Al máida” (A mesa servida), quinta parte: “Dize ainda: Poderia anunciar-vos um caso pior do que este, ante os olhos de Deus? São aqueles a quem Deus amaldiçoou, abominou e converteu em símios, suínos e adoradores do sedutor, estes encontram-se em pior situação, e mais desencaminhados da verdadeira senda.” E no versículo 166 de “Al’araf” (Os Cimos): “E quando, ensoberbecidos, profanaram o que lhes havia sido vedado, dissemos-lhes: ‘Sede símios desprezíveis!’” (os três versículos citados em português estão na tradução de Mansur Chalita, 2016, às páginas 22, 76 e 133, respectivamente).

Em *The Sons of Pigs and Apes: Muslim Antisemitism and The Conspiracy of Silence*, Neil J. Kressel (2012) mostra como, no mundo islâmico, o ódio aos judeus muitas vezes se manifesta na forma de um insulto de fortíssima carga ofensiva, chamando-os justamente de “filhos de porcos e macacos”.

Assim, na simbologia islâmica, o macaco também possui um significado extremamente negativo, talvez ainda mais que na cristã, por ter sido incorporado a um dos insultos de maior teor

ofensivo naquele universo cultural. Para os muçulmanos, o animal representa o pecador, o traidor, o criminoso, o inimigo, alguém a quem se atribui tudo o que há de negativo. Um *website* islâmico sobre interpretação de sonhos exprime o seguinte a respeito de sonhos com esse animal:

O macaco representa alguém que possui todo tipo de defeito. Lutar com um macaco e derrotá-lo, num sonho, significa ficar doente e curar-se. Se o macaco vencer a luta, quer dizer que será contraída uma doença sem cura. Um macaco, num sonho, representa um pecador ou um criminoso. Ser mordido por um macaco, num sonho, quer dizer que haverá um desentendimento ou uma discussão com alguém. O macaco, num sonho, também representa uma pessoa enganosa, um feiticeiro ou uma doença. Se alguém se transforma num macaco, num sonho, isso quer dizer que aquele que sonha está se beneficiando de feitiçarias ou está envolvido em adultério. O macaco, num sonho, também representa um inimigo derrotado. Transitar sobre as costas de um macaco, num sonho, quer dizer vitória sobre o inimigo numa guerra.<sup>1</sup>

Tanto num conto como no outro o macaco se apresenta como uma espécie de negativo de todos os valores que as duas adolescentes cultivam socialmente, uma imagem sombria e subterrânea de seu inconsciente. Ele é, ao mesmo tempo, a encarnação de uma força brutal e puramente instintiva que rompe a frágil casca civilizatória de Beata e da filha do grão-vizir, fazendo aflorar uma possível sexualidade plena mas proibida na primeira, e a ninfomania em seu paroxismo na segunda. Concretizar o amor pelo macaco, no caso de Beata, e entregar-se a uma obsessão sexual pelo animal, no caso da filha do grão-vizir, correspondem a negar sua própria condição de membros da espécie humana.

Nas duas histórias aqui analisadas, os conteúdos inconscientes, as forças instintivas, são apresentados como descontrolados (ou descontroladores) e destrutivos. Os caminhos das duas protagonistas afetadas por eles, no entanto, são diversos. Beata parte de uma situação de felicidade no âmbito do acontecimento mais importante do universo burguês – o casamento –, para seu encontro inesperado com a brutalidade bestial do gorila. Desnorçada pelo olhar do animal, rapidamente não mais verá sentido na sanção religiosa e legal para a formação de uma nova família com o impoluto Lisandro, sacramento e oficialização que não somente garantiriam a preservação do cabedal das duas famílias envolvidas como também a manutenção dos valores de seu grupo social, que seriam transmitidos às gerações vindouras. Uma vez que as forças do inconsciente são liberadas, em particular aquelas relacionadas a uma sexualidade sem freios, ela perde a capacidade de viver em sociedade, muito especialmente no ambiente de uma família como a sua. Adoecendo

---

<sup>1</sup> Disponível em: <[www.myislamicdream.com/monkey.html](http://www.myislamicdream.com/monkey.html)>, tradução minha, acesso em: 15 set. 2017.

e definindo de forma inexplicável até mesmo para os médicos que dela tratam, vem a encontrar a morte como única solução em face da impossibilidade de concretizar as pulsões que lhe vieram à tona.

Já a filha do vizir percorre uma trajetória inversa. Inicia sua história completamente entregue ao *id*, consumindo-se na total liberdade de sua libido. A concretização de suas necessidades instintivas mais prementes acabaria certamente por levá-la à destruição. Se Beata transita da civilização para a barbárie e a morte, rompendo com o casamento e a vida em sociedade por causa do macaco, a filha do vizir transita da barbárie e da morte para a civilização – simbolizada em seu casamento com Wardan – sob a significativa ação de um ser humano. Por caminhos diversos, ambos os contos reafirmam o axioma psicanalítico de que a renúncia progressiva aos instintos é o fundamento da civilização. Nos universos cristão e muçulmano em que se desenrolam as duas histórias, o macaco é, como se viu, a imagem viva do mundo pré-civilizado anterior ao homem. Esse mundo habita em nós e está sempre muito próximo de romper nossa camada superficial de civilização, que em grande parte se mantém em virtude da vigilância dos outros, o que resulta na vigilância que também desenvolvemos sobre nós mesmos. Sobre isso, anota o sociólogo Norbert Elias ao analisar o processo civilizador:

Mostramos como o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comum e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. Isso tudo certamente não resulta de uma ideia central concebida há séculos por pessoas isoladas, e depois implantada em sucessivas gerações como a finalidade da ação e do estado desejados, até se concretizar por inteiro nos “séculos de progresso”. Ainda assim, embora não fosse planejada e intencional, essa transformação não constitui uma mera sequência de mudanças caóticas e não estruturadas. (ELIAS, 1993, p. 193-194)

Daí a importância da alteridade reguladora nos dois contos, em especial aquela representada pelas figuras de autoridade do pai de Beata e da anciã que livra a filha do grão-vizir de seus males. Não por acaso se tratam de pessoas mais velhas, imbuídas de liderança, no caso do pai, e de sabedoria, no caso da anciã. Beata obviamente sente vergonha de revelar ao pai – e através dele a toda a família – o sentimento inadmissível que passou a cultivar pelo gorila. Na impossibilidade de conter seus instintos, ela não poderá mais viver em sociedade. A morte é, portanto, seu destino natural. Quanto à filha do grão-vizir, suas relações com o macaco se processavam no mais absoluto segredo, à parte da sociedade, num conotativo e também denotativo subterrâneo. Com a

intermediação de Wardan, ela encontra a salvação pelas artes da velha senhora, que a salva da vergonha dos instintos descontrolados para restituir-lhe a vida.

Quanto às forças instintivas em estado natural, encarnadas no macaco, renunciar a elas – ou ao menos exercer controle sobre elas – significa humanizar-se e poder viver em sociedade, como ocorreu com a filha do vizir. Não conseguir esse controle é regredir à animalidade e morrer socialmente ou de fato, como aconteceu com Beata.

## 5 O grotesco

Aspecto importante nos dois contos, em grande parte ligado à figura do macaco, é a exploração do grotesco. Devido às limitações deste artigo, não será possível desenvolver aqui este tema, que é praticamente inesgotável tanto na obra de Nelson Rodrigues quanto em *As Mil e Uma Noites*. No entanto, vale a pena fazer algumas observações sobre como ele se realiza nas duas histórias. Ao analisar *Gargântua e Pantagruel*, de François Rabelais, Mikhail Bakhtin (2013) chama a atenção para o que ele nomeia como “realismo grotesco”, estratégia que consiste em solapar tudo o que é sublime, nobre, honroso, hierático, de modo a que essas coisas se mostrem ridículas, sórdidas, miseráveis, degradadas, repelentes. No mundo de Rabelais, ao invés de algo grandioso e respeitável, a condição humana se apresenta como baixa, em constante urgência de satisfação de necessidades primárias como fazer sexo, comer, beber, defecar, urinar. David George, por sua vez, ao tratar dos usos do grotesco no teatro de Nelson Rodrigues a partir da teoria de Bakhtin, escreve:

A degradação característica das imagens grotescas transfere ao plano material tudo o que é abstrato, acabando desse jeito com a separação do espírito e do corpo: trata-se de *carnavalizar*, de transformar tudo em carne. O espiritual é degradado, e degradar significa devorar para renovar, enterrar para semear, destruir para regenerar. A linguagem grotesca, por isso, baseia-se nos estratos baixos do corpo: a barriga (a gula), os genitais e o útero (a procriação), o ânus (a defecação). As imagens são, como outros princípios carnavalescos, ambivalentes – “a morte que ri” –, e expressam o inacabado, a metamorfose, a transformação. (GEORGE, 1990, p. 60, grifo do autor)

O macaco, nas duas histórias aqui analisadas, remete ao sexo em sua expressão mais primitiva e mais animalesca. Não por acaso se trata do maior dos macacos, uma besta de força e brutalidade desconhecidas. O fato de duas moças delicadas, encarnação do que há de mais requintado

na cultura, posicionadas no topo da escala social, romperem com todas as convenções e condicionamentos da educação que receberam – após significativamente contemplarem o olhar do macaco – pode ser interpretado como uma expressão do mundo carnavalizado de que trata o estudioso russo. Estamos diante, também, da estética “desagradável” conforme teorizou o próprio Nelson Rodrigues ao tratar de seu teatro mítico. Ao expor o lado escuro da condição humana, explorando o chamado “mau gosto”, estas duas histórias de mulheres e macacos não apenas afrontam a mediocridade conformista do “bom-gostismo” como mergulham fundo na essência repulsiva do ser humano, que não pode ser ignorada. Além disso, o grotesco das duas histórias, ou melhor, o excesso de grotesco das duas histórias, já que ele chega a atingir o bizarro, resulta no humor que perpassa o episódio central e suas consequências. Para Lee Byron Jennings (1963), o grotesco teria exatamente esse efeito paradoxal de, ao mesmo tempo, provocar medo e fazer rir. Assim, os dois contos se desenvolvem numa atmosfera sério-cômica que é uma de suas facetas mais interessantes e mais atraentes, aproximando, tanto por seu tema quanto por seus efeitos, duas narrativas de épocas, culturas e autorias tão distintas.

## REFERÊNCIAS

AUTOR ANÔNIMO. “História de Wardan, o agougueiro, com a filha do vizir”. V. 4, tradução de Nair Lacerda. In: **As mil e uma noites** (8 volumes). São Paulo: Saraiva, 1961, p. 1171-1176.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

CIRLOT, Juan Eduardo. **A dictionary of symbols**. London: Routledge, 2001.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Tradução de Edileine Vieira Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GEORGE, David. **Grupo Macunaíma: carnavalização e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

JENNINGS, Lee Byron. **The ludicrous demon: aspects of the grotesque in German post romantic prose**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1963.

KRESSEL, Neil J.. **The sons of pigs and apes: Muslim antisemitism and the conspiracy of silence.** Washington, DC: Potomac Books, 2012.

MUHAMMAD, Maomé. **O Alcorão: livro sagrado do Islã.** Tradução de Mansour Chalita. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

RODRIGUES, Nelson. O macaco. In: **A vida como ela é...: o homem fiel e outros contos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 199-203.

\_\_\_\_\_. Teatro desagradável. In: **Dionysos.** Rio de Janeiro: SNT/MEC, n° 1, outubro de 1949, p. 4-13.

TRESIDDER, Jack. **The Watkins dictionary of symbols.** London: Watkins Publishers, 2008.

[Recebido: 16 out. 2017 – Aceito: 21 nov. 2017]